Crônica de Natal

Juarez Leitão*

É o NATAL nos reúne mais uma vez, com toda a sua simbologia, construída ao longo dos séculos para expressar os motivos humanos da fraternidade.

A árvore enfeitada de presentes, a guirlanda das boas-vindas, os sinos anunciadores, o velhinho Noel sorridente e bonachão, o presépio, os animais, o carpinteiro e sua mulher, os reis que vieram de longe, a estrela-guia e o Menino Deus, em torno do qual se faz toda esta história. Ou deveria se fazer.

Caminhamos o ano todo na noite áspera das horas, tecendo expectativas e palmilhando imensas solidões para chegar até aqui.

Longa é a noite das promessas e tristes as canções das esperas.

Como aqueles magos de que falam os relatos estivemos atrás de uma luz nova, de um novo começo das coisas.

Nosso destino sempre foi a luz. Como uma exigência Divina.

No Gênesis, a ordem de Deus, no versículo 3 do Primeiro Capítulo, é para que **haja luz** (Fiat Lux!!!). É assim que a tradição judaico-cristã distingue o mundo organizado do caos. As trevas, em todas as teologias e doutrinas, passaram a simbolizar a condenação, a desgraça perpétua, o inferno, a geena. Enquanto a luz é a graça, a inteligência e a liberdade.

O fim do ano nos traz a luminosidade da esperança. E, como o pinheiro da tradição natalina, olhamos para o alto com otimismo vertical, buscando as palavras certas, os símbolos sonoros da esperança, as vozes alvissareiras de proclamação.

Do alto, não devemos enxergar a pequenez dos homens, mas a grandeza de seus gestos e os augúrios da melhor sorte.

---

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Sensíveis estudiosos da História, da Geografia e da Antropologia estamos no papel de arautos e é nosso ofício almejar um mundo promissor em que, como disse Thiago de Mello,

"O homem não precisará nunca mais duvidar do homem./ **Pois,** ***o homem confiará no homem/ como a palmeira confia no vento/ como o vento confia no ar/ como o ar confia no campo azul do céu. O homem confiará no homem/ como um menino confia em outro menino."***

Pelos campos da vida o tempo espantado vai deixando para trás os destroços de sua passagem. Gritos de angústia, bocejos cinzentos, sorrisos amarelos, valas comuns lotadas de não-mais, maremotos vertiginosos, chão se partindo, inundações, águas que matam, bombas que estraçalham, fogo queimando a floresta, barragens que se rompem e soterram centenas, jovens atletas do Flamengo incinerados enquanto dormiam sem puderam jamais comemorar as gloriosas conquistas de seu time, dolorosas e malferidas apenas na dor de seus pais.

E lá, na velha Mesopotâmia, a fé radical explodindo jovens vidas como recurso último de resistência. Enquanto outros, cheios de cobiça, com sua língua mentirosa, se aguçam sobre o óleo negro, este que move as máquinas, mas polui o ar, as águas e apodrece o coração dos homens.

E nós, agentes e pesquisadores das atitudes humanas, operários da palavra, meros caniços agitados pelo vento, velhos meninos produzindo artefatos com pedaços de nuvem, bebendo policromias, tentando reacender com os dedos luminosos os raios da aurora...mas descobrindo, cheios de pesar, que apenas embalamos ogivas com canções de ninar.

Nós, que ainda percebemos as coisas miúdas e salutares da vida, os retratos triviais da natureza, os alados habitantes dos arvoredos, os coaxares, o silêncio moribundo das últimas aldeias dos antigos donos da floresta, as ternuras, o cristal das saudades, o desenho da montanha azul.

Nós que ainda somos capazes de ousar os trapézios da sorte, tentando triunfar sobre o abismo, o inferno, a geena, confiados no fervor dos sonhos e na força da paixão. E do estado de paixão, arriscar todas as afoitezas, exaurir as derradeiras energias, desfraldando no verde roto das bandeiras as últimas esperanças.

Por que nos reunimos no NATAL? Por que estamos nos abraçando e trocando presentes, desejando-nos um ano novo venturoso e um branco horizonte de paz?

Alguns nos olharão como loucos, sonhadores estúpidos, quixotes perdidos sem Rocinantes e Dulcinéias, tristes nefelibatas de causa esquecida e razão desvalida.

Mas, como disse o outro, aquele John Lennon que mataram há 39 anos, não estamos sozinhos nesse sonho de paz.

No tempo remoto, na China, Lao-Tsé e Confúcio afirmaram que a fraternidade era o caminho natural do homem. O único possível da sobrevivência.

Na Índia, Sidartha Gautama e Mahatama Ghandi defenderam a serenidade e a não violência.

No século XIII, um menino rico da Itália teve a audácia de ser pobre, o mais pobre dos pobres de Assis. E, num tempo de igreja arrogante e devassa, tempo de papas armados e frades gordos, Francisco de Assis foi capaz de ser humilde, caridoso, sóbrio, defensor dos animais e da natureza. E ser um puro naqueles tempos sombrios era uma revolução.

Em meados do século XX, um cardeal velhinho, filho de camponeses, que na eleição pontifícia foi indicado para ocupar por pouco tempo o Trono de Pedro enquanto escolhiam outro, tornou-se um dos maiores papas da história. João XXIII aproximou-se dos judeus e muçulmanos, abraçou os cristãos evangélicos e ortodoxos, dialogou com os dirigentes do mundo promovendo o encontro de rivais socialistas e capitalistas e publicou encíclicas em favor dos pobres e em defesa da paz

Nos Anos 60 do século passado, quando os Estados Unidos viviam o ápice do segregacionismo e do confronto entre os Panteras Negras e a Ku-Klux-Klan, um pastor batista defendeu a igualdade racial através da não-violência e fez a mais ampla campanha da América pelos direitos civis. A morte de Martin Luther King pelas balas da intolerância racista, em 1968, não calou sua voz, que continua a clamar pela paz e pela inteligência do amor.

Por isso, armemos a nossa árvore de Natal, o pinheiro verde da lucidez, colhido nas razões sublimes da alma humana, na ideologia da ética altaneira, no campo fértil da paixão.

Sobre essa árvore colocaremos os pomos maduros de nossa amizade, construída na identidade e na lógica do bem.

Nela estarão nossas palavras, louça e liturgia dos desejos, labirintos de dúvidas e anseios, harpas do bem-bem-me-quer, cinzas e escombros de audácias, horas molhadas de dor, mãos e vozes encantadas pelos

mistérios dos caminhos, as asas da memória e o choro das guitarras, o sudário do medo e este fogo guloso da paixão que nos alumia e que nos incendeia.

Poremos também nessa árvore, a bala que não disparou, a voz que calou o insulto, a granada que não explodiu, o menino nordestino que escapou da inanição, o mapa do rio São Francisco se emendando com o Jaguaribe, uma gaiola aberta de onde os pássaros partiram, uma mão estendida e cheia de sentimento e a garrafa que chegou à praia com o bilhete do náufrago-profeta dizendo que, apesar de tudo, sobreviveremos como espécie e raça inteligente.

Mas, voltemos ao Menino que nasceu na estrebaria de uma aldeia perdida da Judéia, naquela noite fria e desolada de antanho.

Adulto, tornou-se um Rabi que, à frente de pescadores e outros pobres coitados da velha Palestina, disse coisas terríveis para aquele tempo. Falou em igualdade numa época de escravidão e prometeu que os que padeciam fome e sede de justiça haveriam de ser saciados. Pregou a solidariedade e a caridade altaneira, alertando para os que tinham dois mantos, dar um a quem está desnudo. E mandando amar a todos sem distinção, no mesmo grau de dedicação e desvelo com que amamos a nós mesmos.

Por isso foi morto de modo humilhante.

Mas o Império que o condenou, foi depois derrubado pelas suas palavras. Seus discípulos, em Roma, falando em paz, conseguiram o apoio do proletariado, a plebe rude cansada de guerra, e o aparelho militar do grande império desabou como um boi ferido de morte.

Convertida ao cristianismo, a grande massa humana que era o corpo dos exércitos conquistadores, abaixou as armas e passou a rezar pelos próprios inimigos.

E a assim a Grande Roma foi vencida por uma doutrina, a ideologia do amor e da paz.

Essas coisas que a história nos conta servem, em ocasiões como esta, para iluminar novamente os nossos sonhos.

A paz vencerá a insolência dos poderosos senhores da guerra.

E, uma chama votiva, em cada Natal haverá de bruxulear esperançosamente no peito ardente dos poetas e no coração generoso de todos os homens e mulheres de boa vontade.

Agora, para concluir, como fez Jorge de Lima em seu Poema de Natal, convidemos o Menino Jesus para conosco passear:

"Ó Meu Jesus, quando você
ficar assim maiorzinho
venha para darmos um passeio
que eu também gosto de crianças.

Iremos ver as feras mansas
que há no jardim zoológico.
E em qualquer dia feriado
iremos, então, por exemplo,
ver Cristo Rei do Corcovado.

E quem passar
vendo o menino
há de dizer: ali vai o filho
de Nossa Senhora da Conceição!

— Aquele menino que vai ali
(diversos homens logo dirão)
sabe mais coisas que todos nós!

— Bom dia, Jesus! — dirá uma voz.
E outras vozes cochicharão:
— É o belo menino que está no livro
da minha primeira comunhão!

— Como está forte! — Nada mudou!
— Que boa saúde! Que boas cores!
(Dirão adiante outros senhores.)

Mas outra gente de aspecto vário
há de dizer ao ver você:
— É o menino do carpinteiro!

E vendo esses modos de operário
que sai aos domingos para passear,
nos convidarão para irmos juntos
os camaradas visitar.

E quando voltarmos
pra casa, à noite,
e forem para o vício os pecadores,
eles sem dúvida me convidarão.

Eu hei de inventar pretextos sutis
pra você me deixar sozinho ir.

- Menino Jesus, miserere nobis,
segure com força a minha mão."

(Crônica lida na confraternização natalina no Instituto a 17 de dezembro de 2019)